

depois de a ter criado, e como ele progride e se enriquece sem cessar, deve também incessantemente aperfeiçoar a linguagem para a adaptar às suas necessidades. As transformações da linguagem, traduzindo o progresso e o regresso do pensamento, permitem seguir estes, analisá-los e conhecê-los; as leis segundo as quais estas transformações se produzem, permitem seguir em todos os seus atalhos o curso natural do pensamento, e desembrulhar, através da multiplicidade das associações de ideias, a lógica popular, mais

confusa, mas mais rica e mais sólida que a lógica racional e sábia, e cujo processo essencial é a analogia (1). A semântica é assim um retôrno à psicologia, à qual fornece, por outro lado, úteis documentos: Ela mesmo se enriquece, estende o seu domínio pelas conquistas que faz à psicologia; assim, ela não se contenta em estudar a linguagem como instrumento do pensamento; considera-a ainda como a expressão dos sentimentos e da acção (2). A lingüística e a psicologia vão assim em auxílio uma da outra e progridem uma pela outra:

esperanto

(em resposta a um leitor)

Escreve-nos um operário do Algarve, leitor da *Sintese*, comentando no artigo «A Linguagem das Ciências», a passagem que diz: «Falham tôdas as tentativas duma língua universal, preconizada por Leibnitz, tais como o ido, o esperanto, o volapük, se quizermos que essa língua saia do domínio restrito do Polo S.»; e esta outra: «Fora da escrita simbólica da linguagem das ciências, não há solução real para o problema duma língua universal. Fora dêste domínio, os pensamentos que pertencem às diferentes línguas, não podem encontrar um terreno comum; etc. (*Sintese* n.º 3, ano I).

O leitor em questão discorda, e afirma que «o esperanto não falhou, mesmo no campo L, e apoia a afirmativa no facto de se corresponder com japoneses, holandeses, suecos, franceses e sul-americanos, e nunca ter deixado de os compreender.

É isto encarar o problema muito superficialmente. O facto de o Esperanto existir e desempenhar a sua função de língua internacional, não infirma a passagem citada, de Pius Servien, nem confirma o que o nosso leitor diz: «o Esperanto não falhou, mesmo no campo L». Ou nós não fomos

bem claros na exposição que fizemos da Lingüística de Servien, ou o artigo não foi lido com cuidado. Quando Charles Richet, que o leitor cita na sua carta, faz esta pergunta: «quem não reconhece a utilidade da língua internacional para o comércio, a indústria e as ciências?» não estende a utilidade do esperanto ao Polo L. Quando Abel Salazar, também citado na carta, afirma que «introduzir o esperanto na ciência, convertê-lo em língua desta, seria um facto de conseqüências extraordinárias», limita a acção do esperanto no campo S. Quando A. Meillet... etc. Nenhum esperantista bem consciente do que é o Esperanto pode afirmar que ele seja eficaz no campo L de Servien, em virtude das razões que o próprio Servien nos aponta.

Que o leitor volte a ler Servien, que o leia no original, se a nossa exposição não lhe parece clara, e será forçado a dar-lhe razão.

(1) Michel Bréal, *Éssai de sémantique*; Meillet, *Linguistique historique générale. Comment les mots changent de sens*. 1921.

(2) Vendryès, *le Langage*; Bally, *le Langage et la Vie — Mécanisme de l'expressivité linguistique*.